

A CULTURA NEOTROPICAL

*Marcos Pereira Magalhães**

RESUMO: Carajás representa um papel fundamental para a compreensão da integração humana na Amazônia. Isto acontece devido às suas características ambientais e às possíveis inteirações que os homens puderam ter com elas. Inclusive, como consequência disto, é possível esboçar uma hipótese testável, sobre a formação e evolução das culturas amazônicas, cujas causas que lhes deram nascimento ainda estão ativas hoje.

Neotropicalizando

Desde a década de 50 que se tem tentado construir modelos teóricos sobre a ocupação humana da Amazônia. Ao longo desses anos, principalmente da década de 80 para cá, essas teorias têm evoluído muito. E Carajás, pelas suas peculiaridades, tem sido o berço da mais nova delas.

Até os anos 70, a idéia que se tinha sobre a ocupação humana da Amazônia e das culturas nela desenvolvidas, baseava-se em modelos ecológicos nos quais os níveis culturais eram determinados em função das condições naturais do ambiente. A grosso modo, se o meio ambiente era favorável, isto é, se por exemplo, o solo era fértil, então esse meio era propício ao desenvolvimento da agricultura e de sociedades sedentárias. Como a opinião geral era de que na Amazônia os únicos solos férteis se restringiam às várzeas, que são áreas ribeirinhas fertilizadas anualmente pelas cheias dos rios, então apenas nelas seria possível a formação de sociedades complexas na região.

Por conta das restrições ecológicas imaginadas, e em relação às civilizações que se ergueram sobre os Andes, pensou-se que a floresta tropical fosse uma barreira natural para o desenvolvimento de grandes culturas. Deste modo, até mesmo a cultura Marajoara e a Tapajônica, as quais produziram desde montes artificiais para o assentamento de

* Museu Paraense Emílio Goeldi.

suas aldeais (Marajó) e as suas muito famosas artes ceramistas, teriam se formado pela migração e difusão cultural de povos andinos. Estes porém, não tendo logrado sucesso adaptativo às condições amazônicas, teriam tido apenas um desenvolvimento efêmero nesta região, pois foram vencidos pelas restrições naturais da floresta tropical.

Esta teoria acabou endoçando uma série de pré-conceitos consonantes à capacidade do indígena e dos nativos em geral, frente aos processos civilizatórios. Para a política oficial estava justificada a errônea idéia de que os índios eram incapazes e os caboclos limitados para compreenderem os problemas nacionais. Assim, é justamente na década de 70 que surgem uma série de projetos desenvolvimentistas, de colonização e agropecuários.

Tais projetos tinham por base a imagem de que a Amazônia era um “inferno verde”, e como tal deveria ser tomada, domada e substituída por pastos, estradas e minas. E como a região era “inóspita” e os nativos “despreparados”, nenhum desses projetos considerou os ecossistemas, as populações, os hábitos e os costumes locais. Deste modo grandes massas migratórias chegaram à Amazônia, sem qualquer conhecimento sobre a região, e apoiados por uma legislação estapafúrdia, promoveram numa década, uma das maiores devastações ecológicas do planeta.

Por outro lado, os projetos desenvolvimentistas acabaram favorecendo a produção de um volume muito grande de estudos sobre a região. Esses estudos vieram a derrubar muitos mitos, tais como o da homogeneidade da floresta, que a Amazônia era o pulmão do mundo, que os únicos solos férteis eram os de várzea e etc. Verificou-se, que na verdade, a Amazônia é um grande mosaico de ecossistemas diferenciados, onde ocorrem desde a caatinga e savanas, até altas florestas que se sustentam por si mesmas, independentes da qualidade do solo ou da topografia.

Conseqüentemente, o conhecimento arqueológico da região também cresceu e assim, na década de 80 uma outra teoria veio à tona. Realmente nos últimos anos, não só na Amazônia como em regiões periféricas, novas datações radiocarbônicas tem promovido uma verdadeira revolução na arqueologia sul americana.

Deste modo, baseada numa série de datações, Anna Roosevelt (1992) entendeu que as áreas de várzea teriam tido prioridade cronológica sobre as áreas montanhosas no desenvolvimento da cerâmica e

das ocupações sedentárias. E que, apesar de as sociedades complexas da Amazônia (Marajó e Tapajós) terem surgido depois das andinas, estas seriam fruto da adaptação sociocultural do homem nativo à região. Portanto, não seria mais possível sustentar que suas culturas fossem produto de culturas andina ou sub-andinas.

Numa reviravolta espetacular, a nova teoria sustenta que ao contrário do que se pensava, a Amazônia não só teria sido ocupada muito cedo, incluindo as terras baixas (várzeas), como inclusive seria o lugar de origem de alguns importantes desenvolvimentos culturais para as Américas. Dentre esses desenvolvimentos, se destacaria a cerâmica. Esta teoria ainda se baseia na ecologia, mas também na capacidade humana para se adaptar aos diversos ecossistemas amazônicos.

A ocupação humana da Amazônia pré-histórica não teria sido prejudicada por nenhuma suposta escassez de recursos naturais. Ao invés de limitada pela incapacidade adaptativa de certos traços de origem externa, existiria uma seqüência longa de ocupações de prolongada duração, de sociedades que teriam tido fortes influências sobre outras áreas, exportando inclusive uma série de inovações (Brochado, 1984; Roosevelt, 1992).

Entretanto, para justificar porque os Andes tiveram as primeiras sociedades complexas e por que as amazônicas surgiram mais de um milhar depois, colocaram a natureza amazônica novamente na berlinda. Assim, como se ela fosse homogênea e contínua, a sua grande extensão teria limitado a intensificação do crescimento populacional, já que, como um buraco-negro verde, ela absorvia toda densidade demográfica. A emergência de culturas complexas na Amazônia, deste modo, só teria ocorrido quando a intensificação do crescimento populacional ao longo das várzeas e dos rios provocou uma competição pelas ricas áreas agriculturáveis e de pesca (Lathrap, 1974; Roosevelt, 1992).

O problema desta hipótese é que ela justifica a idéia de que o "progresso" é uma "máquina de guerra", sustentada por uma competição necessária. Ou seja, o desenvolvimento cultural só seria possível, onde as condições naturais favorecessem o crescimento populacional e a luta entre semelhantes, pela manutenção ou conquista dessas mesmas condições. Isto também justifica uma ocupação desenfreada das áreas mais ricas da Amazônia, como por exemplo, o Sul do Pará, na ilusão de que só assim ela poderia se tornar economicamente viável.

Entretanto, esse não é o maior problema. O caso que esta teoria, que privilegia a capacidade do homem pré-histórico nativo para desenvolver cultura, dá excessiva importância aos processos adaptativos, como explicação para o nascimento das culturas regionais. Como consequência, fica justificada a idéia de que somente populações com longo tempo de ocupação numa área, estão perfeitamente adaptadas aos seus ecossistemas naturais. Esta é a idéia "científica" que justifica o discurso internacional sobre a autonomia dos territórios indígenas. Entretanto, as bases científicas destas idéias são por demais superficiais, e não resistem a um exame mais detalhado.

Felizmente Carajás parece apontar para uma outra direção, onde os fatores ambientais ainda são fundamentais, mas de modo algum limitantes ou exclusivistas. De fato existe uma manifestação cultural de longa duração e larga escala, que teria ocupado todos os espaços disponíveis segundo um padrão comum subjacente, porém, se expressando tão heterogeneamente quanto a biodiversidade amazônica.

Para se compreender isso é preciso recuar o tempo até a época pleistocênica. Como se sabe, durante o Pleistoceno, enquanto nas regiões temperadas predominavam o frio intenso e grandes extensões de geleiras, nas áreas tropicais eram os desertos, caatingas e savanas que predominavam na paisagem. Durante as glaciações as florestas ficaram confinadas em galerias fluviais, em áreas elevadas e em locais de solo muito favorável.

Com o fim do Pleistoceno e das glaciações, ocorreu o conseqüente recuo das geleiras, a elevação do nível do mar e um aumento gradual na precipitação das chuvas. O crescimento pluviométrico nas regiões tropicais, por sua vez, favoreceu a expansão das até então reprimidas florestas, que acabaram ocupando áreas de antigas caatingas, campos e savanas, principalmente nas galerias, nas áreas de erosão e nas dobras geomorfológicas. Foi justamente isto que ocorreu na Amazônia na passagem do Pleistoceno para o Holoceno mas, principalmente, quando os rios tomam o rumo do Atlântico e estabilizam, alguns milhares de anos depois, os seus níveis médios. É a partir de então que as florestas passam a predominar na paisagem, ilhando as caatingas, os campos e as savanas da região nas descontínuas áreas atuais.

A fase de estabilização teria acontecido entre 13 e 8 mil anos atrás. De 8 mil anos em diante, em pleno Holoceno, especialmente a

partir de mais ou menos 5 ou 4 mil anos, a floresta já estava plenamente constituída e com toda a sua rica biodiversidade atualmente conhecida. Ora, sabemos que a Amazônia estava, muito provavelmente, ocupada desde o Pleistoceno e que as culturas desta época interagiam com climas semi-áridos e com ecossistemas de campos e cerrados (savanas) e também de floresta. Por conseguinte, é perfeitamente possível, que existissem alguns grupos humanos, embora em menor quantidade e severamente restringidos, os quais eram caçadores-coletores de floresta.

Com o avanço das florestas, os grupos humanos inteirados à elas e aqueles submetidos pelas novas condições, encontram as causas necessárias favoráveis à sua expansão e desenvolvimento cultural. Assim, lentamente, foi sendo formada a Cultura Neotropical, cujo nascimento corresponde à expansão das florestas, à domesticação de plantas e, possivelmente, à mongolização das populações amazônicas.

A Cultura Neotropical, vem se caracterizando ao longo do Holoceno até os dias atuais, como mostram estudos arqueológicos e etnológicos, pela diversificação e constante experimentação de cultivos; pela inteiração do homem com os rios e as matas e pela ausência completa de uma sobrenatureza. Deste modo, ela foi capaz de favorecer a formação de sociedades as mais diversas ao longo do tempo e do espaço. Essas sociedades variaram desde o nível de caçadores-coletores de floresta, até as sociedades urbanas (Roosevelt, 1992); ou seja, civilizações como aquelas desenvolvidas ao longo do Tapajós (Santarém) e em Marajó.

É a ausência de uma produção sobrenatural ou contra-natura, que caracteriza as relações políticas das sociedades neotropicais. Isto é, a Cultura Neotropical não produziu sociedades com Estados centralizados, aos moldes dos historicamente conhecidos, uma vez que a sua natureza impede a estratificação hierarquizada da sociedade. Por outro lado, esta noção comum cultural também é um acontecimento histórico, cuja longa duração vem até os dias de hoje, visto as condições favoráveis ao seu surgimento ainda estarem potencialmente latentes.

O que constitui a Cultura Neotropical está disperso espaço-temporalmente, num contínuo processo de experimentação, no qual inexistente um redutor único que teria servido de base para todo o resto. Foi esta característica que nos permitiu chegar até ela, através das parti-

cularidades especiais de Carajás. Assim, como as demais áreas da Amazônia, Carajás não foi o centro de origem da Cultura Neotropical, mas como poucas outras, ali podemos ter um visãõ de como ela veio a ser formar.

As características ambientais da serra de Carajás, com dois ecossistemas bem marcados (a savana e a floresta), foram igualmente manipulados pelo antigo homem da região. Grutas de Carajás com vestígio de ocupação humana, geralmente localizadas no topo das serras com altitude média de 600m, marcam o limite entre a vegetação de canga (vegetação rupestre típica da área) e a floresta. Os antigos habitantes dessas grutas baseavam sua subsistência na caça e na coleta de frutas e tubérculos existentes nestes dois ecossistemas. Além disso, eles manipulavam a flora próxima às grutas e chegaram a desenvolver, já no período final, uma cerâmica com características próprias. Este último aspecto põe em cheque a idéia de que as várzeas teriam tido o privilégio do desenvolvimento tecnológico da produção da cerâmica, já que temos bases para supor que a cerâmica encontrada nas grutas de Carajás podem ser muito mais antigas do que se pensava até recentemente.

A vegetação de savana rupestre de Carajás, com suas espécies típicas, mostra que nem sempre esteve confinada no topo das serras. É bem provável, que durante o Pleistoceno, ela se estendesse na paisagem de toda a região, emendando aquela flora à do Planalto Brasileiro, onde até hoje predomina o serrado. No Holoceno, com a expansão das florestas na Amazônia, essa vegetação foi sendo empurrada para algumas áreas, posteriormente ilhadas por florestas. Paralelamente, os grupos humanos de culturas associadas à ela, seguiram seus passos, tendo ficado eles mesmos ilhados pelas matas equatoriais.

Os caçadores-coletores de Carajás, durante o longo tempo que ficaram na região, sofreram a influência direta da floresta. Durante os mais de 5 mil anos que ali permaneceram, tiveram muitas oportunidades de se inteirarem com ela. Eles se integraram à floresta quando, finalmente, já suficientemente sabedores de seus segredos, abandonaram um modo de vida milenar para se renderem à nova realidade neotropical, na qual a interação diversificada do homem com a floresta exerce papel fundamental.

Embora os vestígios cerâmicos nos níveis superficiais das grutas não apontem uma relação direta entre os grupos de caçadores-coletores

e os grupos ceramistas¹ “horticultores” — que muito tempo depois ocuparam os vales dos rios —, no mínimo a sua presença é emblemática. Afinal, a mudança de um estágio cultural para o outro, só poderia acontecer fora das grutas, na beira dos rios e interior das matas, locais onde a Cultura Neotropical se formou.

A Cultura Neotropical tem uma capacidade muito grande de evolução e as suas reais possibilidades de produção cultural ainda não se esgotaram. As chamadas tradições Policroma e Tupinambá, por exemplo, nada mais seriam do que modos possíveis à Cultura Neotropical. De fato, a sua evolução natural foi paralizada apenas com a chegada dos europeus. Entretanto, não eliminada, pois os fatores que deram nascimento à Cultura Neotropical são subjacente à própria região e ainda estão em plena atividade como provam estudos feitos com os Kaiapó. Sendo assim, é perfeitamente possível que as populações atuais, desde que inteiradas às condições naturais do lugar, independente de qualquer processo adaptativo, possam vir a se neotropicalizar, sem prejuízo das vantagens tecnológicas contemporâneas.

A Cultura Neotropical, que caracterizou desde sociedades simples de caçadores-coletores de floresta até sociedades urbanas complexas, como as do Tapajós e de Marajó, mostra que é perfeitamente possível ao homem viver na floresta sem destruí-la e, inclusive, construir uma civilização. Para tanto, mais do que nunca é necessário dar ouvido aos povos da floresta e recuperar a sabedoria e os saberes produzidos por eles. Mais do que nunca é necessário se ter uma perspectiva preservacionista ou conservacionista, investindo no estudo e conhecimento dos recursos naturais da região, os quais podem ser um importantíssimo fator de progresso para a Amazônia.

ABSTRACT: *Neotropical culture* — Carajás is essential for understanding human integration to the Amazonian environment. This is because of its particular environmental characteristic and because of the possible interactions of man and nature within this particular environment. As a result of this we can make testable hypotheses on the formation and evolution of Amazonian cultures whose original causes are still active today.

1 Os grupos ceramistas identificados, possuíam cerâmica com traços diagnósticos Tupiguarani.

Bibliografia

- BROCHADO, J.P. 1984, *An Ecological Model of the Spread of Pottery and agriculture Into Eastern South America*. Tese de Doutorado. Champaign, University of Illinois at urbana.
- FIGUEIREDO, N. 1965, "A Cerâmica Arqueológica do Rio Itacaiúnas." Belém, Boletim do Mus. Paraense Emílio Goeldi, Nova Série Antropol., 27. 17p.il.
- LATHRAP, D.W. 1974, "The Moist Tropico, the Arid Lands, and the Appearance of Great art Styles in the New World." In: King, M.E. & Taylor, I., orgs. *Art and Environment in Native America*. Texas, Special Publications of the Texas Tech University Museum, 7, pp. 115-58.
- LOPES, Daniel F.F. 1986 *Relatório do Salvamento Arqueológico em Carajás*. Belém, Mus. Paraense Emílio Goeldi.
- LOPES, D.F.F. & Hilbert, K. 1989 *Relatório do Salvamento Arqueológico em Carajás*. Belém, Mus. Paraense Emílio Goeldi.
- MAGALHÃES, Marcos Pereira. 1993 *O tempo Arqueológico*. Belém, Mus. Paraense Emílio Goeldi, no prelo.
- ROOSEVELT, Anna C. 1992, "Aqueologia Amazônica." In: Carneiro da Cunha, M. *História dos Índios no Brasil*. São Paulo, Cia. das Letras.
- SCATAMACCHIA, Maria C.M. 1990, *A Tradição no Leste da América do Sul Evidenciada pela Ocupação Guarani e Tupinambá: Fontes Arqueológicas e Etno-Históricas*. Tese de Doutorado, São Paulo, Universidade de São Paulo.
- SIMÕES, Mário F. 1986, "Salvamento Arqueológico." In: Almeida Jr. Org. *Carajás: Desafio Político, Ecologia e Desenvolvimento*. São Paulo, Ed. Brasiliense.
- SHEPARD, Anna O. 1961, *Ceramics for the Archaeologist*. Washington, D.C. Carnegie Institution.